1

A notícia da morte de Anders Eckman chegou sob a forma de aerograma, uma folha de papel de correio aéreo azul vivo que servia tanto de papel de carta como, quando dobrado e colado a toda a volta, de envelope. Quem haveria de pensar que ainda faziam esse tipo de coisas? Esta singela folha viajara do Brasil ao Minnesota para registar a morte de um homem, um sopro de papel tão imaterial que apenas o selo parecia ancorá-lo a este mundo. Sr. Fox tinha a carta na mão quando se dirigiu ao laboratório para contar a notícia a Marina. Assim que ela o viu à porta, sorriu-lhe e, perante aquele sorriso, ele hesitou.

— O que foi? — perguntou Marina, por fim.

Sr. Fox abriu a boca e voltou a fechá-la. Quando tentou falar novamente, tudo o que conseguiu articular foi:

— Está a nevar.

— Ouvi na rádio que era esperado. — A janela do laboratório onde trabalhava dava para o corredor e, por isso, nunca via como estava o tempo até à hora de almoço. Aguardou uns instantes para que Sr. Fox dissesse ao que viera. Ela não acreditava que ele tivesse vindo debaixo

de neve, desde o seu gabinete a uns bons dez edifícios de distância, para lhe dar conta das condições atmosféricas, porém, deixou-se ficar ali, na moldura da porta aberta, incapaz quer de entrar quer de sair. — Sentes-te bem?

— O Eckman morreu — conseguiu ele dizer antes de a voz lhe falhar e, sem mais explicações, entregou-lhe a carta, mostrando como pouco ou nada sabia sobre aquele facto terrível.

Havia mais de trinta prédios no *campus* da Vogel, laboratórios e edifícios com gabinetes de vários tamanhos e finalidades. Havia laboratórios com postos de trabalho para vinte técnicos e cientistas poderem trabalhar ao mesmo tempo. Outros tinham paredes e paredes de ratos, ou macacos ou cães. Marina partilhara este preciso espaço durante sete anos com Dr. Eckman. Era suficientemente pequeno para que Sr. Fox lhe estendesse a carta; assim que o fez, Marina pegou nela e sentou-se lentamente na cadeira de plástico ao lado da divisória. Naquele momento, percebeu por que razão é costume dizer-se: *Talvez seja melhor sentar-se*. Havia dentro de si um colapso físico muito ténue, não um desmaio, mas uma espécie de fole, como se fosse uma régua desdobrável e os seus joelhos e tornozelos e ancas estivessem a ser puxados ao mesmo tempo para ângulos mais próximos. Anders Eckman, alto, com a sua bata branca de laboratório, o farto cabelo louro a tornar-se grisalho. Anders a trazer-lhe também uma chávena de café porque fora buscar uma para si. Anders a dar-lhe os ficheiros que ela pedira, meio sentado na ponta da sua secretária enquanto revia os dados dela sobre proteínas. Anders, pai de três filhos. Anders ainda sem ter cinquenta anos. O seu olhar recaiu sobre as datas — quinze de março, na carta, dezoito de março, no carimbo postal, e estava a lê-la a um de abril. Anders não estava apenas morto; estava morto há duas semanas. Haviam aceitado o facto de não receberem notícias dele frequentemente e, agora, ela apercebia-se de que ele partira há tanto tempo que, por vezes, passava grande parte do dia sem se lembrar do colega. A obscuridade do afluente amazónico onde Dra. Swenson fazia a sua investigação fora repetidamente sublinhada ao pessoal do Minnesota (*Amanhã esta carta será entregue a uma criança a deslizar pelo rio abaixo num tronco escavado*,

escrevera-lhe Anders. *Não posso chamar* àquilo *uma canoa. Não há estatísticas quanto à probabilidade da sua chegada*.), contudo, foi num país, foi no mundo. Decerto alguém por ali teria uma ligação à Internet. Nunca se terão dado ao trabalho de a procurar?

— Ela não lhe ligou? Tem de haver qualquer tipo de satélite…

— Não usa o telefone, ou diz que não funciona ali. — Por muito próximos que estivessem naquele compartimento tranquilo, ela mal conseguia ouvir-lhe a voz.

— Mas num caso destes… — deteve-se a si própria. Ele não sabia. — Onde está ele agora? — perguntou Marina. Não conseguia arranjar coragem para dizer *o corpo dele*. Anders não era um corpo. A Vogel estava cheia de médicos; médicos a trabalharem e médicos nos seus gabinetes a tomarem café. Os armários e os locais de armazenamento e as gavetas das secretárias estavam cheias de medicamentos, comprimidos de todas as espécies e feitios. Eram uma empresa farmacêutica; o que não tinham, tratavam de arranjar. Se soubessem onde Anders se encontrava, certamente encontrariam forma de fazer algo por ele e, com esse pensamento, a sua ânsia pelo impossível eclipsou qualquer bocado de ciência que algum dia conhecera. Os mortos estavam mortos estavam mortos estavam mortos[1] e, ainda assim, Marina Singh não precisava de fechar os olhos para ver Anders Eckman a comer, com grande entusiasmo, uma sanduíche de salada de ovo, na cafetaria dos funcionários, como o fizera desde o dia em que o conhecera.

— Não lês as notícias sobre colesterol? — costumava perguntar-lhe, sempre disposta a fazer de contraponto.

— Eu escrevo as notícias sobre colesterol — respondia Anders, percorrendo com o dedo a borda do prato.

Sr. Fox levantou os óculos, pressionando o lenço dobrado contra o canto dos olhos.

— Lê a carta — pediu ele.

Marina não o fez em voz alta.

---

[1] A partir de *Rose is a rose is a rose is a rose*, verso do poema *Sacred Emily*, datado de 1913, de Gertrude Stein. [*NT*]

Jim Fox,

A chuva tem sido torrencial por aqui, algo normal para a época, mas que, ainda assim, nunca deixa de me surpreender, ano após ano. Não altera o nosso trabalho, tirando o facto de o tornar mais moroso, e, ainda que nos atrase, não nos desencoraja. Avançamos com tenacidade em direção aos excelentes resultados de sempre.

Mas, por agora, este assunto não é a nossa principal preocupação. Escrevo por causa de uma notícia lamentável sobre o Dr. Eckman, que morreu com uma febre há duas noites. Dada a nossa localização, a chuva, as pequenas burocracias do governo (quer deste, quer do nosso), e a natureza do nosso projeto, tão sensível ao fator tempo, resolvemos enterrá-lo aqui como forma de respeitar as suas tradições cristãs. Devo dizer-lhe que não foi tarefa fácil. Quanto ao objetivo da missão do Dr. Eckman, asseguro-lhe que estamos a fazer progressos. Guardarei o pouco que ele cá tinha para a mulher, a quem espero que dê a notícia, juntamente com as minhas condolências. Não obstante algumas contrariedades, perseveramos.

Annick Swenson

Marina voltou ao início da carta. Quando terminou novamente de ler, ainda não sabia o que dizer.

— Ela está a referir-se ao Anders como uma contrariedade?

Segurava na carta pelas suas pontas delicadas, como se fosse um documento ainda a ser submetido a prova. Percebia-se nitidamente que o papel se molhara a determinada altura e que voltara a secar. Pela forma como estava encarquilhado, Marina via que tinha apanhado chuva. Dra. Swenson sabia tudo acerca da relação entre papel, tinta e chuva e, como tal, esculpiu as suas letras com um lápis de ponta dura, escura, enquanto do outro lado de Eden Prairie, no Minnesota, Karen Eckman, na sua casa de tijolo de dois andares, estilo colonial, julgava que o marido estava no Brasil e que regressaria a casa assim que conseguisse que Dra. Swenson fosse razoável. Marina olhou para o relógio. Tinham de ir andando antes que fossem horas de Karen ir buscar os filhos à escola. De vez em quando, caso Anders olhasse para o relógio às duas e meia, dizia para si próprio em surdina: *Acabou a escola*. Três Eckman pequeninos, três rapazes, que, tal como a mãe, não podiam sequer imaginar o pai morto. Para toda essa

perda, Dra. Swenson conseguira usar pouco mais de metade da folha de papel, e nessa metade fez duas vezes referência ao estado do tempo. O resto estava simplesmente ali, um imenso oceano de vazio. Quanto poderia ter sido dito naqueles centímetros de papel que sobravam, quanto poderia ter sido esclarecido, estava para além de qualquer explicação científica.

Sr. Fox fechou a porta e pôs-se ao lado da cadeira de Marina. Pousou-lhe a mão no ombro e apertou-o, e, porque as persianas das janelas que davam para o corredor estavam corridas, ela encostou o rosto contra a sua mão e, durante algum tempo, ficaram imóveis, banhados pela luz fluorescente azul-clara. Era reconfortante para ambos. Sr. Fox e Marina nunca haviam conversado sobre a forma como deveriam conduzir o seu relacionamento no local de trabalho. Não tinham relacionamento algum, ou melhor, algum que fosse diferente do de todas as outras pessoas. Sr. Fox era o CEO da Vogel, Marina uma médica que trabalhava no desenvolvimento das estatinas. Conheceram-se verdadeiramente pela primeira vez no final do último verão, num jogo de *softball*, investigadores contra administração. Sr. Fox aproximou-se para a elogiar pelos seus lançamentos, e esse elogio levou a uma conversa acerca da predileção que ambos tinham pelo basebol. Sr. Fox não era médico. Fora o primeiro CEO a surgir da área da indústria. Quando ela falava dele a outras pessoas referia-se a ele como Sr. Fox. Quando falava com ele diante de outras pessoas tratava-o por «Sr. Fox». O problema era tratá-lo por Jim quando estavam sozinhos. Esse revelou-se um hábito muito mais difícil de adotar.

— Não o deveria ter enviado — disse Sr. Fox.

Nessa altura, Marina ergueu a cabeça e tomou-lhe as mãos nas suas. Sr. Fox não tinha motivo para usar bata. Hoje trazia um fato cinzento-escuro e uma gravata azul-marinho às riscas e, embora fosse um uniforme digno para um homem de sessenta anos, parecia deslocado sempre que se afastava da área administrativa. Ocorria agora a Marina que ele parecia estar vestido para ir a caminho de um funeral.

— Não o obrigaste a ir.

— Pedi-lhe para o fazer. Julgo que poderia ter recusado, mas não era muito provável.

— Mas nunca pensaste que uma coisa destas pudesse acontecer. Não o mandaste para um lugar qualquer perigoso. — Marina interrogava-se se isso seria verdade. Claro que havia cobras venenosas e peixes com dentes afiados como lâminas, mas ela imaginava-os bem longe dos lugares onde os investigadores conduziam as suas pesquisas científicas. De qualquer forma, a carta dizia que ele morrera com uma febre, não com uma mordedura de cobra. Havia muitas febres para se ter aqui mesmo no Minnesota. — A Dra. Swenson está lá há cinco anos. Nada lhe aconteceu.

— Era coisa que não lhe aconteceria a ela — disse Sr. Fox, sem bondade no tom de voz.

Anders quisera ir à Amazónia. Essa era a verdade. Quais eram as hipóteses de um investigador, que trabalhava no desenvolvimento das estatinas, ser convidado para ir ao Brasil precisamente na altura em que o inverno se tornava insuportável? Ele era um verdadeiro apreciador de aves. Todos os verões, punha os filhos numa canoa e passeava-os pelos lagos da área protegida de Boundary Waters, com binóculos e blocos de notas, à procura de patos-de-rabo-alçado e pica-paus. A primeira coisa que fez quando soube da viagem foi encomendar guias de campo da floresta tropical e, assim que chegaram, pôs de lado todo e qualquer trabalho. Voltou a guardar as amostras de sangue no frigorífico e agarrou-se às páginas lustrosas, pesadas, dos guias. Mostrou a Marina as aves que esperava ver: jaçanãs com patas tão longas quanto as suas mãos, anus-brancos com penachos macios fixados no cimo da cabeça. Uma pessoa podia lavar o interior de um frasco de *pickles* com um pássaro assim. Comprou uma nova máquina fotográfica com uma lente capaz de capturar um ninho a quinze metros de distância. Em circunstâncias normais, não seria um tipo de coisa que Anders se tivesse dado ao luxo de adquirir.

— Mas estas não são circunstâncias normais — disse ele, e tirou uma fotografia da sua colega de trabalho sentada à secretária.

Com a explosão luminosa do *flash*, Marina ergueu o olhar da imagem de uma saurá-de-pescoço-preto, um pássaro do tamanho de um polegar que vivia num borrão de lama, em forma de cone, agarrado à ponta de uma folha.

— É um conjunto ambicioso de aves. — Ela examinava atentamente cada figura, maravilhando-se com os esplendores da biodiversidade. Quando viu as araras-jacinto sentiu uma frustração momentânea por não ter sido a pessoa que Sr. Fox designara para a tarefa. Foi um pensamento particularmente ridículo. — Vais estar demasiado ocupado com a passarada para teres sequer tempo de falar com a Dra. Swenson.

— Calculo que terei oportunidade de ver muitas aves antes de encontrar a Dra. Swenson, e mesmo quando isso acontecer, duvido que ela faça as malas no primeiro dia e volte a correr para a Johns Hopkins. Estas coisas requerem subtileza. O próprio Sr. Fox o disse. Ora, isso dá-me umas boas horas de luz do dia.

Encontrar Dra. Swenson era um problema. Havia um endereço em Manaus, mas, aparentemente, não ficava de modo algum perto do local onde ela fazia o seu trabalho de campo. Essa localização, acreditava ela, precisava de ser protegida com o mais elevado nível de secretismo de modo a preservar tanto a natureza intacta dos seus temas de investigação, como a importância do medicamento que estava a desenvolver. Expusera a questão de forma tão convincente que nem mesmo Sr. Fox sabia exatamente onde ela se encontrava, para além de um local algures num afluente do rio Negro. A que distância de Manaus começava esse afluente, e em que direção corria, ninguém sabia dizer. Pior do que isso era a sensação de que encontrá-la iria ser a parte mais fácil. Marina olhou de frente para Anders e ele levantou novamente a máquina fotográfica.

— Para com isso — pediu ela, virando a palma da mão para a lente. — E se não conseguires que ela regresse de todo?

— Claro que consigo — respondeu Anders. — Ela gosta de mim. Porque achas que foi a mim que Sr. Fox decidiu enviar?

Era possível que Dra. Swenson tivesse gostado dele no único dia em que passou na Vogel há sete anos, quando se sentou a uma mesa de conferências com Anders e quatro outros investigadores e cinco executivos que constituíam o Grupo de Avaliação de Probabilidades, para analisar o orçamento preliminar para o desenvolvimento de um programa no Brasil. Marina poderia ter-lhe dito que Dra. Swenson não

fazia ideia de quem ele era, mas porque diria tal coisa? Ele sabia-o, certamente.

Sr. Fox não conhecia Karen Eckman. Encontrara-a em festas da empresa, mas dissera a Marina que não se recordava do rosto dela, um facto que parecia agora, à luz do que acontecera, imperdoável. Marina reparou no seu olhar de gratidão assim que tirou o casaco, pendurado às três pancadas no cabide da porta, porém, ela nunca o teria deixado ir sozinho. A tarefa era própria de capelães militares, agentes da Polícia, pessoas que sabiam como bater às portas das casas e dar notícias que iriam fazer descarrilar para sempre o mundo das pessoas que viviam no seu interior. *O Anders está morto*.

— Ela vai ficar contente por lá estares — disse Sr. Fox.

— Contente não é a palavra mais adequada — respondeu Marina.

Ia com Sr. Fox para o ajudar, e ia por consideração para com o seu querido amigo morto, mas não tinha ilusões de que era ela a pessoa que Karen Eckman desejaria para transmitir a notícia. Era verdade que conhecia Karen, mas apenas como uma mulher de quarenta e dois anos, sem filhos, conhece uma mulher de quarenta e três, mãe de três — como qualquer mulher solteira que trabalha com o marido conhece a esposa que fica em casa. Marina percebeu que Karen fizera questão de a conhecer ainda que, conscientemente, não desconfiasse dela. Karen metia conversa com ela quando era Marina a atender o telefone no laboratório. Convidou-a para a festa de Natal, aberta à vizinhança, e para o churrasco do Quatro de Julho, onde levou um copo de chá a Marina e lhe fez perguntas atenciosas sobre a investigação das proteínas e lhe disse que gostava mesmo dos seus sapatos, um par vagamente exótico de sabrinas amarelas de cetim que uma prima lhe mandara de Calcutá há uns anos, sapatos que ela adorava e que guardava para ocasiões especiais. Quando Marina, por sua vez, lhe perguntou pelos filhos, o que faziam na escola, se iam ou não acampar, Karen respondeu de forma concisa, dando muito poucos detalhes. Não era o tipo de mãe que bombardeava a amável colega do marido com lengalengas sobre encontros de escuteiros. Marina sabia que Karen não a receava.

Marina era, no fim de contas, excessivamente alta e ossuda, com olhos insondáveis e farto cabelo preto, o que a distinguia de todas as suecas. Karen não queria apenas que Marina a esquecesse. E Marina não a esqueceu, mas o que era importante entre elas estava tão profundamente implícito que nunca houve oportunidade de ela se defender a si própria do que nunca fora acusada e do que não era culpada. Marina não era do tipo de se apaixonar pelo marido de outra, não mais do que seria capaz de assaltar a casa à noite e roubar o anel de noivado da avó, o computador portátil, a criança. Na verdade, depois de dois copos de *rummy punch* na última festa de Natal, quisera muito debruçar-se sobre Karen Eckman na cozinha, pôr-lhe um braço à volta dos seus pequenos ombros, inclinar a cabeça até quase tocarem uma na outra. Quisera murmurar-lhe ao ouvido, *Estou apaixonada por Sr. Fox*, apenas para ver os olhos azul-claros de Karen andarem à roda naquele conflito de surpresa e prazer. Como desejava agora ter estado suficientemente inebriada para lhe ter feito confidências. Se as tivesse feito, Marina Singh e Karen Eckman seriam, com efeito, boas amigas.

Lá fora, a neve estivera a cair nos bosques encharcados o tempo suficiente para enterrar todos os novos rebentos de erva primaveril. Os crocos que vira nessa mesma manhã, com os olhos amarelos e púrpura a despontarem da terra, estavam agora congelados, tão sólidos como carpas no lago. As minúsculas flores da *cercis canadensis* faziam de prateleiras carregadas de neve. Sr. Fox e Marina avançavam pela neve suja e meio derretida sem pensarem que estavam, pela primeiríssima vez desde que começaram a sua relação, a sair juntos do edifício. Percorreram o longo caminho desde o quadrante sul do *campus* da Vogel até ao parque de estacionamento, quase a trezentos e setenta metros de distância. Marina não trazia as botas de neve. Não nevava de manhã quando saiu de casa para o emprego.

— Vou dizer-te uma outra coisa — anunciou Sr. Fox quando estavam já no carro, com a neve removida e o desembaciador no máximo. — Nunca pensei que ele estivesse tanto tempo ausente. Quando partiu, disse-lhe para demorar o tempo que entendesse, que esclarecesse a situação, mas julguei que estivéssemos a falar de uma semana, talvez duas. Nunca achei que ele ficasse fora mais do que duas semanas.

— Ele teve dificuldade em encontrá-la. Isso deu-lhe logo cabo da agenda, para começar.

Anders partira no dia a seguir ao Natal. A empresa quisera que ele fosse mais cedo, mas o Natal era inegociável para os Eckman. Mostrara a Sr. Fox as poucas cartas que recebera de Anders porque nada tinham de confidencial. Ele falara sobretudo de Manaus e, depois, sobre os percursos para observação de aves que fizera pela selva, com um guia. Para ela, Anders falara sobretudo de chuva. Se Sr. Fox também recebera cartas dele, e ela tinha a certeza disso, nunca as mencionou.

— Então, duas semanas, não três meses. Devia ter-lhe dito para regressar…

— Não o conseguiste contactar na altura.

— Exatamente. — Sr. Fox deixou o olhar vaguear pela paisagem embranquecida, que aparecia esborratada por baixo do limpa-para-brisas. — Ter-lhe-ia dito que havia apenas uma mensagem para entregar a Dra. Swenson e que mal o fizesse deveria meter-se num avião, com ou sem ela. Era essa a sua única tarefa.

— As coisas nunca teriam sido assim tão fáceis — disse ela, tanto para si própria como para ele. Ninguém achou verdadeiramente que o resultado de dizer a Dra. Swenson que ela precisava de trazer a sua investigação de volta ao Minnesota seria vê-la empacotar o laboratório e voltar para casa — nem Anders, nem Sr. Fox, nem Marina. Em boa verdade, nem sequer era essencial que ela regressasse. Estivesse ela disposta a reabrir as linhas de comunicação, a provar que o medicamento estava praticamente concluído, a deixar a empresa instalar uma capelinha com os seus próprios investigadores, que passariam a fazer relatórios regulares e precisos do progresso do medicamento, e a Vogel deixá-la-ia na sua estação de campo durante anos, encaixando dinheiro de um filão aberto. Mas agora Anders estava morto e a ideia de sucesso ficara reduzida a uma loucura repugnante. Só pensar em Dra. Swenson deixava Marina com a sensação de ter uma mão fria a esgaravatar-lhe o coração. Recuamos agora quinze anos e Marina está no anfiteatro da universidade Johns Hopkins, sentada, segura, ao lado do corredor de uma fila do meio, e lá está Dra. Swenson a andar de um lado para o outro diante do púlpito, a falar sobre o cérvix,

o cervix, com um nível de intensidade a elevar-se a uma tal ferocidade que nenhum deles se atreve a olhar para o relógio. Ninguém, numa multidão de centenas de pessoas, sugere que a aula já acabou há muito, que deveria ser dada como terminada, que há outras aulas a que os alunos estão a faltar. Apesar de Marina se encontrar no segundo ano do internato, está a assistir a uma preleção para os alunos de Medicina do terceiro ano, pois Dra. Swenson deixou bem claro, tanto aos internos de especialidade como aos alunos, que, quando fala, devem todos assistir. Mas Marina nem sequer sonharia em faltar a uma preleção, ou em sair mais cedo, por uma coisa tão inconsequente como o tempo. Está cravada ao assento enquanto os diapositivos de células atípicas passam tão depressa na parede alta à sua frente que quase fazem um filme animado. Dra. Swenson sabe tudo o que Marina precisa de saber, respondendo a perguntas que Marina ainda não formulou na sua mente. Uma mulher minúscula, tornada ainda mais minúscula pela distância, prende cem pessoas às cadeiras com um tom de voz que nunca se dá ao trabalho de ser aumentado, e, como têm todas medo dela, e, como têm medo de perder algo que ela possa dizer, demoram-se o tempo que Dra. Swenson os quiser reter. Marina acredita que a sala inteira existe como ela existe, na intersecção do terror e da exaltação, um lugar que mantém a mente muitíssimo alerta. A sua mão move-se rapidamente, página atrás de página, enquanto anota toda e qualquer sílaba que Dra. Swenson articule. É a aula em que Marina aprende a tomar notas como uma estenógrafa, uma técnica que lhe irá fazer jeito para o resto da vida.

Marina acha estranho que, depois de todos estes anos, ainda se recorde de Dra. Swenson no anfiteatro. Nunca a imagina numa sala de operações ou a passar visita, mas antes a uma distância segura.

Karen e Anders Eckman viviam numa rua sem saída onde os vizinhos conduziam com cuidado, sabendo que os rapazes poderiam surgir a deslizar pela encosta ou a saírem disparados de bicicleta do matagal.

— Aquela ali — disse Marina, apontando para a casa de tijolo encarnado, e Sr. Fox encostou o carro à borda do passeio. Marina e Anders deviam ganhar aproximadamente o mesmo. Nunca falaram sobre o assunto, mas faziam o mesmo trabalho; Anders estivera na empresa mais alguns anos do que Marina, portanto, poderia ter ganhado um pouco mais. Mas a casa de Marina, que era bastante pequena e, ainda assim, demasiado grande para ela, estava paga. Fazia doações regulares para fins de caridade e deixava o resto do dinheiro a apodrecer no banco, enquanto Anders pagava por esta casa, pelas aulas de piano, pela correção dos dentes, pelos acampamentos de verão e pelas contas dos colégios. Como conseguiria ele, com três filhos e mulher, e quem pagaria agora por essa vida, agora que este morrera? Deixou-se estar ali sentada durante algum tempo a imaginar as várias festas de aniversário e de Natal, imagens contínuas de rapazes com presentes, laços e papel de embrulho rasgado, até, finalmente, a neve estender um manto por cima do para-brisas e tapar-lhe a vista.

— Que surpresa! — exclamou Karen Eckman quando abriu a porta, com ambas as mãos a agarrarem a coleira estranguladora de um enorme *golden retriever*. Era uma mulher pequena e aquela não parecia ser uma batalha que fosse vencer. — Não! — instruiu ela, num tom de voz alto. — Senta! — Karen trazia um gorro branco de malha tricotada, enterrado até às orelhas, e o casaco estava mesmo atrás de si, atirado numa cadeira ali no *hall*. Marina não estava a recordar-se do nome do cão, embora houvesse uma fotografia dele na secretária de Anders, juntamente com retratos de Karen e dos filhos. Ele empurrou a sua grande cabeça contra a anca de Karen e lançou dois sonoros latidos, perante a sorte inimaginável de terem convidados a meio do dia.

— Está de saída — notou Sr. Fox, como se isso significasse que talvez eles devessem partir também.

Karen abanou a cabeça.

— Não, não, deixem-se estar. Tenho muito tempo. Ia passar na loja a caminho da escola, mas posso fazê-lo mais tarde. Entrem. Está gelo! — O cão precipitou-se para a frente assim que eles o fizeram, esperando pela oportunidade de saltar, porém Karen, que segurava, na

melhor das hipóteses, dez quilos do animal, conseguiu arrastá-lo para a parte lateral da entrada. — Para trás, *Pickles*! — insistia ela. — Senta!

Mas *Pickles* não obedeceu e, assim que ela o largou, esfregou as mãos para atenuar as marcas que os elos da corrente haviam deixado. Na cozinha estava tudo impecável: nada de chávenas no balcão, nem brinquedos pelo chão. Marina já estivera em casa de Anders, mas apenas em ocasiões festivas, altura em que o corredor e todos os compartimentos se encontravam apinhados de gente. Agora que a casa estava vazia, podia ver como era grande. Seriam precisas muitas crianças para preencher os espaços livres.

— Aceitam um café? — ofereceu Karen.

Marina voltou-se para fazer a pergunta a Sr. Fox e reparou que ele estava mesmo atrás de si. Sr. Fox não era mais alto do que Marina. Aliás, isso era algo sobre o que ele gracejava quando estavam a sós.

— Café, não — respondeu Marina. — Obrigada. — Não estava um dia luminoso, mas a luz que havia refletia-se na neve e projetava uma faixa prateada pela mesa do pequeno-almoço. Através da grande janela panorâmica, Marina viu um parque infantil instalado numa pequena colina nas traseiras, com um forte rudimentar a amontoar neve no telhado oblíquo. *Pickles* encostava-se agora a Marina, batendo-lhe com a cabeça na mão até ela a estender para lhe afagar a camurça emurchecida das orelhas.

— Posso prendê-lo — disse Karen. — É um cãozarrão!

Pickles olhava fixamente para ela, com a visão desfocada pelo êxtase que sentia com as festinhas de Marina nas orelhas.

— Gosto de cães — respondeu Marina, pensando como seria importante que ele ficasse. O cão teria de compartilhar a missão deles, se é que tinham uma. O cão seria a mãe de Karen, a irmã, quem quer que ela desejasse ter ao seu lado quando tudo desabasse. O cão teria de ser Anders.

De relance, Marina olhou novamente para trás para Sr. Fox. Cada segundo que passavam ali em casa sem contarem a Karen o que acontecera era uma falsidade. Mas Sr. Fox voltara-se agora em direção ao frigorífico. Olhava para as fotografias dos rapazes: os dois mais novos tinham o cabelo de um loiro desmaiado, o mais velho era ligeiramente

mais moreno. Olhava agora para um retrato de Anders a abraçar a mulher e, naquela fotografia, eles próprios não eram muito mais velhos do que crianças. Havia também retratos de aves: um conjunto de tetrazes-das-pradarias num campo, um sabiá-azul-oriental de um tom tão vivo que a imagem parecia ter sido trabalhada com *Photoshop*. Anders tirava muitas fotografias a aves.

Karen tirou o gorro e pôs o cabelo claro escorrido para trás das orelhas. O rubor que se notava nas faces do momentâneo golpe de frio esmaecera.

— Não são boas notícias, pois não? — disse ela, rodando os anéis no dedo, o modesto diamante e a aliança de platina. — Gosto muito de vos ver, mas não acredito que tenham passado por cá apenas para dizer olá.

E, por breves instantes, Marina sentiu uma ligeiríssima onda de alívio. Claro que ela sabia. Mesmo que não lhe tivessem dito, sabia-o daquela forma que uma alma sabe. Nesse momento, Marina desejou, desesperadamente, abraçar Karen, dar-lhe os pêsames. Pelo menos, sentia-se pronta para isso. Palavras que exprimiam o quanto lamentava ardiam-lhe na garganta.

— Não são boas notícias — disse Marina, ouvindo a própria voz a falhar-lhe. Era chegado o momento de Sr. Fox contar a história, explicá-la de uma forma que nem mesmo Marina compreendera totalmente. Sr. Fox entregara-se às fotografias do frigorífico. Estava de costas para as duas mulheres, com os braços atrás das costas, a cabeça inclinada na direção de um retrato de um mergulhão.

Karen ergueu o olhar e abanou ligeiramente a cabeça.

— A correspondência tem sido irregular — disse. — Ora recebo duas cartas num dia, ora estou toda a semana sem nada. Não chegam segundo algum tipo de ordem. Recebi há uns dias uma sem data, mas que deve ser bastante recente. Ele parecia estar com a cabeça perdida. Sem dúvida que atualmente anda a escrever-me menos. Julgo que não quer dizer-me que tem de ficar mais tempo.

— Karen, ouve…

Pickles levantou a cabeça como se «ouve» fosse um comando. Sentou-se.

— Não é tarefa dele — continuou Karen, e, enquanto olhava para Marina, apontou o dedo para as costas de Sr. Fox. — Ele não gosta da selva. Isto é, as aves, ele diz que as aves são espetaculares, mas o resto está a deixá-lo doido, as folhas e as plantas trepadeiras e tudo aquilo. Numa das suas cartas disse que sentia que o sufocavam durante a noite. Em Crookston, onde Anders cresceu, praticamente não há árvores. Já foram a Crookston? Lá em cima só há pradarias. Ele costumava dizer que as árvores o deixavam nervoso. Estava a brincar, mas, em todo o caso… Ele não está talhado para essas coisas. Não é um intermediário qualquer que foi treinado para tratar com condescendência situações difíceis. Eu compreendo por que razão o mandaram a ele. Toda a gente gosta de Anders. Mas se a Vogel inflacionou a cotação das suas ações, esse é um problema da empresa. Não é tarefa dele remediá-lo. Ele não o pode fazer, e vocês não podem simplesmente deixá-lo lá a tentar.

Marina achou que Karen andara a congeminar este discurso de manhã e à noite, enquanto escovava os dentes, sem nunca imaginar que teria oportunidade de o proferir ao próprio Sr. Fox.

— Ele nunca vos vai dizer, mas, mesmo que não tenha sido capaz de trazer aquela doida de volta, é tempo de voltar para casa. Temos três filhos, Sr. Fox. Não pode esperar que terminem o ano escolar sem o pai.

Desta vez, Marina reconheceu a sensação desde o começo, aquele impotente enfraquecimento das articulações, e conseguiu chegar à cadeira alta da ilha de cozinha. Era seguramente obrigação de Sr. Fox entregar a carta a Karen, mas, depois, com uma onda de pesar, Marina lembrou-se que trazia a carta no seu próprio bolso. Puxou a cadeira ao seu lado.

— Senta-te, Karen — disse. — Senta-te ao meu lado.

O momento não lhe trouxe à lembrança as suas próprias perdas. O que ocorria a Marina era a inerente crueldade da comunicação. Não importava a forma gentil como a notícia fosse dada, com quanto pungimento e compaixão; era um golpe capaz de cortar Karen Eckman ao meio.

— Anders? — disse Karen, e depois voltou a repeti-lo mais alto, como se ele estivesse no compartimento do lado, como se também ela acreditasse no que lhe tinha sido dito e o negasse. O frio que varria

o Minnesota apoderou-se de Karen Eckman e ela começou a gaguejar e a tremer. Os dedos começaram nervosamente a percorrer-lhe os braços. Pediu para ver a carta, mas depois recusou-se a tocar nela, tão fina e azul, meio desdobrada. Pediu a Marina que a lesse em voz alta.

Não havia forma de dizer que não o faria, contudo, por mais que Marina tentasse editar as palavras à medida que lhe saíam da boca, não conseguia torná-las piedosas.

Dada a nossa localização, a chuva, lia ela, tentativamente, deixando de fora a parte sobre governos e as suas pequenas burocracias. *Resolvemos enterrá-lo aqui*. Não conseguiu dizer que o enterro não fora tarefa fácil. Deveria ter lido o primeiro parágrafo, de tão banal que era. Sem ele, o que restava nem sequer soava como uma carta. Parecia um telegrama parcimonioso qualquer.

— Ela enterrou-o lá? — perguntou Karen. Os seus pulmões esforçavam-se em vão. Não havia ar na cozinha. — Meu Deus, o que estás a dizer-me? Ele está enterrado?

— Diz-me quem posso chamar. Precisa de estar aqui alguém. — Marina tentou tomar-lhe as mãos, mas Karen libertou-se dela.

— Tirem-no de lá! Não podem abandoná-lo! Ele não vai ficar lá!

Era altura de prometer tudo, porém, por muito que tentasse, Marina não conseguia formular uma única frase de consolo.

— Não o posso tirar de lá — disse Marina, e era uma confissão terrível porque agora via claramente a lama e as folhas, o solo a fechar-se sob a chuva, a transformar-se de imediato em árvores jovens e frágeis e em ervas resistentes, até ser impossível encontrar o local onde se encontrava. Sentia o pânico de Anders a sufocar no meio de toda aquela folhagem e esse pânico tornou-se também seu. — Não sei como. Karen, olha para mim, tens de me dizer a quem hei de telefonar. Tens de me deixar telefonar a alguém.

Mas Karen não compreendia ou não ouvia ou não queria saber, o que podia ter facilitado as coisas a Marina. Estavam as duas sozinhas. Sr. Fox fora afugentado da cozinha pelo barulho, o pranto de desespero de Karen Eckman, que se deixou escorregar da cadeira e caiu ao chão para chorar apoiada ao cão, envolvendo a sua dor à volta do

torso robusto, enquanto o pobre animal tremia, lambendo-lhe o braço. Karen deteve-se ali a chorar até deixar o pelo do animal humedecido.

Que idiotas eram ao pensar que sabiam o que estavam a fazer! No hospital, nos seus tempos de interna de especialidade, Marina tivera de comunicar mortes a familiares. Não com frequência, apenas se o especialista se encontrava demasiado ocupado ou era demasiado arrogante para ser incomodado. Independentemente do quanto estas filhas e pais e irmãos e esposas choraram, da força com que a ela se agarraram, nunca fora assim tão difícil libertar-se. Tinha tão-somente de erguer a cabeça e lá estava uma enfermeira que sabia melhor como os abraçar e o que dizer. Atrás de si, quadros cheios de números de telefone tinham sido compilados antecipadamente. Os clérigos disponíveis, para cada comunidade, estavam anotados, conselheiros da dor e grupos de apoio que se reuniam às quartas-feiras. O máximo que lhe pediram que fizesse foi prescrever um sedativo. Marina comunicara a morte de Anders sem pensar sequer na infraestrutura da morte. E os rapazes, que se encontravam agora defronte da escola, com a neve a amontoar-se-lhes sobre os ombros, enquanto esperavam pela mãe? Como pôde Marina esquecer-se de os ter em consideração? Porque não se lembraram de arranjar alguém primeiro, uma dúzia de alguéns a postos à volta de Karen, enquanto ela absorvia a violência da notícia? Todas aquelas pessoas presentes na festa de Natal, as mulheres vestidas com as camisolas de renas, os homens de gravatas encarnadas, as pessoas que Marina vira rir naquela cozinha apenas há uns meses, a encostarem-se umas às outras com os seus *eggnog* com *whisky*, eram agora desesperadamente necessárias! E, se não haviam sido suficientemente inteligentes para trazer família e amigos, não poderiam ao menos ter pensado em enfiar algumas amostras de *Xanax* nos bolsos? Não havia forma de protelar a situação. Dar-lhe tempo significaria somente levar os rapazes a entrarem em pânico assim que uma professora os levasse novamente para dentro da escola e lhes dissesse para aguardarem ali. Iriam pensar que a mãe morrera. É isso que ocorre a uma criança — é sempre a perda da mãe.

Marina levantou-se, embora, pelo que se recordava, nunca se tivesse sentado no chão. Dirigiu-se ao telefone, à procura de um livro de

endereços, de um ficheiro rotativo, qualquer coisa com números. O que encontrou foram dois exemplares do *Minneapolis Star Tribune*, uma prancheta com uma folha limpa por cima, uma caneca de café que dizia *Amo a minha biblioteca* a abarrotar de canetas e lápis de carvão, um papel preso com uma tacha a um quadro de cortiça que dizia *Babysitter, em caso de urgência*: o número de telefone de Karen, o de Anders, o número do trabalho de Anders, o do Centro de Informação Antivenenos, o da ambulância, o de Dr. Johnson e o de Linn Hilder. *É isto que acontece quando a casa está a ser reduzida a cinzas*, pensou Marina. *É este o motivo por que nos dão um número tão simples quanto cento e doze para as emergências que decerto surgirão, pois, quando as chamas sobem pelos cortinados e se precipitam ruidosamente pelo soalho, na nossa direção, não nos lembramos de número algum.* Por muito que ela quisesse ajudar a mulher do amigo morto, queria sair daquela casa. Pegou no telefone e marcou o número do final da lista. Teve de tirar o aparelho da cozinha para poder ouvir a mulher do outro lado da linha. Linn Hilder era a vizinha ao fundo da rua que tinha dois filhos, amigos dos filhos dos Eckman. Bem, Linn Hilder debruçara-se da janela do seu carro, nem há vinte minutos, e perguntara aos rapazes se precisavam de boleia para casa e eles responderam que não, Sra. Hilder, a nossa mãe está a chegar. Linn Hilder chorava agora tão convulsivamente quanto Karen.

— Telefone a alguém — pediu Marina, num tom de voz baixo. — Telefone a alguém que se lembre e mande essa pessoa para cá. Telefone para a escola. Vá à escola e traga os meninos.

Quando voltou à cozinha viu que *Pickles* estava deitado no chão, à direita da dona, com a cabeça encharcada pousada na anca de Karen, e, à esquerda de Karen, encontrava-se Sr. Fox, que, miraculosamente, na sua breve ausência, se aproximara. Afagava a cabeça de Karen com determinação, de forma lenta e ritmada.

— Está tudo bem — dizia ele, serenamente. — Vai ficar tudo bem.

A cabeça de Karen estava apoiada contra o peito de Sr. Fox e as suas lágrimas haviam-lhe escurecido as riscas da gravata, passando-as de azul a preto. E, embora nada estivesse bem, nem perto disso, ela parecia capaz de ouvir a repetição cadenciada daquelas palavras e tentava respirar regularmente.

Marina e Sr. Fox saíram de casa dos Eckman uma hora mais tarde, depois de a mãe de Karen ter sido localizada, depois de a irmã ter chegado com o marido, transmitindo que o irmão delas vinha a caminho desde o Iowa, depois de Linn Hilder ter ido buscar os rapazes à escola e de os ter levado para sua casa, até um plano razoável para lhes dar a notícia poder ser traçado. Desde o momento em que Sr. Fox surgira à porta do laboratório com aquele envelope azul na mão, nunca ocorrera a Marina que poderia haver culpas na morte de Anders. Tratou-se de um acidente, tanto quanto ser arrastado pela corrente do rio Amazonas teria sido um acidente. Mas assim que puseram o pé na rua, apenas com *Pickles* para os acompanhar à porta, e sentiram a rajada de vento gélido, ela interrogou-se se as pessoas que estavam lá dentro veriam Sr. Fox como culpado. Os dias eram ainda pequenos e o sol já ia baixo. Seguramente, sem Sr. Fox envolvido, os filhos dos Eckman estariam agora a fazer os trabalhos de casa ou um boneco de neve no jardim das traseiras. Anders estaria no gabinete a olhar para o relógio, a dizer que estava com fome, com o corpo a pender em direção à porta naquele mundo vivo, bem-sucedido. Marina achou possível que até mesmo Karen Eckman e os seus familiares não culpassem Sr. Fox na sua hora de maior dor, que a censura talvez lhes ocorresse mais tarde, após o tempo e o sono lhes ter desenredado os pensamentos. Decerto ela própria o culpava por a ter deixado sozinha na altura de dar a notícia a Karen, e por não lhe ter agarrado no braço enquanto ela abria cuidadosamente caminho até ao carro pelo passeio cheio de neve por limpar. Será que o culpava por mandar Anders para a morte no Brasil? Debatia-se com o puxador meio congelado da porta do passageiro, enquanto Sr. Fox deslizava já para o banco do condutor. Limpou a neve do vidro com a mão e, depois, bateu com o nó dos dedos despidos contra o vidro. Ele olhava fixamente em frente e voltou a cabeça na sua direção, parecendo surpreendido ao vê-la, como se se tivesse esquecido de que não viera sozinho. Inclinou-se e abriu-lhe a porta. Ela deixou-se cair no assento de pele, como o podia ter feito no pavimento defronte da casa dos Eckman, caso tivesse sido obrigada a esperar ali mais um minuto.

— Leva-me ao meu carro — pediu Marina. As mãos tremiam-lhe e ela imobilizou-as entre os joelhos. Passara a maior parte da vida no

Minnesota e, todavia, nunca sentira tanto frio. O que mais desejava no mundo era ir para casa e tomar um banho quente.

Deixara de nevar, mas o céu que pairava sobre a pradaria estava empolado e pardacento. A autoestrada, assim que deram com ela, nada mais era do que uma faixa de asfalto mal limpo pelo limpa-neves entre duas marcas brancas de pneus. Sr. Fox não levou Marina de volta ao carro. Dirigiu-se antes a St. Paul, e, uma vez em St. Paul, a um restaurante onde, no passado, haviam tido uma sorte incrível por não se depararem com ninguém conhecido. Quando percebeu para onde se dirigia, não disse nada. Percebia vagamente que, depois de tudo por que passaram, seria melhor estarem juntos. Já passava muito das cinco da tarde e esgueiraram-se para um recanto, ao fundo. Quando Marina pediu um copo de vinho tinto apercebeu-se de que precisava dele mais do que de um banho. A empregada trouxe-lhe dois e pô-los lado a lado na mesa, à sua frente, como se ela estivesse à espera de alguma pessoa amiga. A Sr. Fox trouxe dois copos de *whisky* com pilhas de gelo.

— *Happy hour* — desejou ela, sem especial ênfase. — Divirtam-se.

Marina esperou até a mulher se ter afastado e, nessa altura, sem preâmbulos, repetiu a Sr. Fox a única frase do monólogo de Karen que lhe ficara tão claramente gravada depois de todas as outras se começarem a fundir: *Se a Vogel inflacionou a cotação das suas ações, esse é um problema da empresa.* Ele olhou para ela com o que poderia ser descrito como um sorriso pálido, com a exceção de não haver praticamente sorriso algum.

— Não me lembro de me ter sentido assim tão cansado.

Marina anuiu e aguardou. Durante muito tempo permaneceu ali com ela.— Sabes que as ações *subiram* — informou ele, por fim.

— Eu sei que sim. Julgo não saber porque subiram ou o que tem isso que ver com Anders.

Sr. Fox esvaziou o primeiro copo e, depois, pousou os dedos ao de leve na borda do segundo. Dentro de um mês faria sessenta e um anos, mas os acontecimentos do dia tinham-lhe posto mais alguns em cima. Sob a luz ténue e baixa do candeeiro suspenso, com um falso *abat-jour* estilo *Tiffany*, podia bem ter setenta. Estava sentado com as costas arqueadas, os ombros a comprimirem-se um ao outro à frente, e os óculos escavaram-lhe um pequeno sulco vermelho na cana do nariz. A boca,

que outrora havia sido generosa e afável, atravessava-lhe agora o rosto numa singela linha reta. Marina trabalhava na Vogel há mais de seis anos quando entraram pela primeira vez naquele restaurante. Foi tempo suficiente para pensar em Sr. Fox como seu empregador, o seu superior hierárquico. Durante os últimos sete meses fizeram uma tentativa para redefinir o seu relacionamento.

— O problema é o seguinte — começou Sr. Fox, agora com um tom de voz taciturno. — Desde há um tempo para cá… — fez uma pausa, como se a combinação de frio, cansaço e *whisky* lhe tivesse roubado a palavra exata de que precisava — que se passa algo no Brasil. Não algo que o Anders estivesse encarregado de resolver. Não lhe pedi que o fizesse, mas achei que traria de volta informação suficiente para eu próprio poder tratar do assunto. Vi o Anders como a pessoa que iria despoletar a situação. Que explicaria à Dra. Swenson que era essencial que ela concluísse a sua investigação e passasse diretamente, com a ajuda de outros cientistas, à fase de desenvolvimento do medicamento. Depois, explicar-me-ia, com base no que presenciara, que razoabilidade em termos de calendário poderíamos esperar. O facto do Anders ter morrido no meio de tudo isto é uma coisa terrível, não preciso de o dizer, mas a sua morte — e aqui Sr. Fox fez uma pausa para escolher bem as palavras e tomar um dedo da sua segunda bebida —, não altera o problema.

— E o problema é que este medicamento que andas a dizer há um ano que está à porta da FDA[2] não existe? A questão não é a Dra. Swenson não o trazer do Brasil. O que estás a dizer é que não há nada para trazer. — Sr. Fox era demasiado velho para ela. Era cinco anos mais novo do que a sua mãe, uma questão que a mãe seria a primeira a levantar, caso Marina estivesse inclinada a contar-lhe acerca do seu relacionamento.

— Isso não sei. Era esse o objetivo da viagem. Precisávamos de mais informação.

— Mandaste o Anders numa espécie de missão de reconhecimento? O Anders Eckman? De que forma é que estava qualificado para isso?

---

[2] Food and Drugs Administration, agência federal dos Estados Unidos responsável pela proteção da saúde pública. [*NT*]

— Era suposto ser o nosso embaixador. Não estava a esconder nada, não havia nada a esconder. A sua tarefa era explicar à Dra. Swenson a importância de ela terminar a sua parte do projeto. Desde que ela lá está que se desligou de… — Sr. Fox calou-se e abanou a cabeça. A lista era demasiado longa. — Tudo. Não estou inteiramente certo de que possua sequer a noção do tempo.

— Quando foi a última vez que tiveste notícias dela?

— Sem contar com a carta de hoje? — Parou para fazer os cálculos de cabeça, embora Marina suspeitasse que estava apenas a empatar. — Há vinte e seis meses.

— Nada? Em mais de dois anos não soubeste nada dela? Como é possível? — O que ela queria dizer era como fora possível que ele tivesse deixado as coisas chegarem a esse ponto, porém não foi assim que ele percebeu a pergunta.

— Ela não parece achar que tem de responder perante as pessoas que financiam o seu trabalho. Dei-lhe uma espécie de carta branca de que qualquer outra empresa farmacêutica se riria, e com razão. Foi por isso que ela concordou em juntar-se a nós. O dinheiro é-lhe depositado mensalmente numa conta no Rio de Janeiro, conforme o nosso acordo inicial. Paguei para ter uma estação de investigação montada e nem sequer sei onde fica. Mandámos o material todo de barco, arcas congeladoras e revestimentos exteriores, telhados e portas, mais geradores do que possas imaginar. Mandámos tudo o que era preciso para montar um laboratório totalmente operacional. Ela foi esperar o barco a Manaus e subiu a bordo, e ela própria o levou rio abaixo. Nenhum dos trabalhadores consegue recordar-se do local onde descarregaram os materiais.

— Se o Anders o descobriu é porque não era impossível de descobrir. — Dra. Swenson nunca se viu a si própria a ter de responder perante a Vogel, tal como não achava que trabalhava para eles. Talvez desenvolvesse um medicamento para satisfazer a sua própria curiosidade ou os interesses da ciência, mas nunca lhe ocorreria que o seu trabalho fosse propriedade de quem assinava os cheques. Qualquer pessoa que tivesse passado uma hora na sua presença podia perceber

isso mesmo. — Ora, puxa-lhe o tapete, corta-lhe o apoio financeiro e espera até ela aparecer.

Sr. Fox, que estivera a segurar o copo com o *whisky* que lhe restava, e que ainda estava quase cheio, a uns centímetros da mesa, pousava-o agora. A expressão do seu rosto significava que ela não havia compreendido nada.

— O projeto precisa de ser concluído, não abandonado.

— Então não será abandonado. — Marina fechou os olhos. Queria afundar-se no vinho tinto, nadar nele. — A verdade é que não quero voltar a falar da Dra. Swenson, ou da Vogel ou do desenvolvimento do remédio. Sei que fui eu quem levantou a questão, mas fiz mal. Vamos apenas dedicar o dia a Anders.

— Tens toda a razão — concordou Sr. Fox, num tom de voz isento de concessão. — Não é altura para falar disso, e amanhã também não vai ser, nem depois de amanhã. Mas, uma vez que o dia de hoje é, com toda a justeza, dedicado a Anders, vou dizer-te o seguinte: ao encontrarmos a Dra. Swenson, não teríamos apenas a oportunidade de resolver os problemas da Vogel, como poderíamos também solucionar algumas das interrogações sobre a morte de Anders.

— Que interrogações?

— Acredita — disse ele —, vai haver perguntas.

Marina interrogou-se se Sr. Fox também o acharia, que eventualmente a responsabilidade pudesse recair sobre ele.

— Não vais ao Brasil — disse ela.

— Não — respondeu.

Era aquela luz horrível que o fazia parecer velho, o *whisky* e o fardo daquele dia. Ela queria sair dali e, assim que chegassem a Eden Prairie, levá-lo-ia para sua casa. Não o culpava por nada. Debruçou-se sobre a mesa daquele recanto escuro, afastado, e pegou-lhe na mão.

— O presidente da companhia não se vai embora para o Brasil.

— Não há nada inerentemente perigoso acerca da Amazónia. É uma questão de precaução e bom senso.

— Tenho a certeza de que tens razão, mas isso não quer dizer que devas ir.

— Prometo-te que não vou. A Annick Swenson não iria dar-me ouvidos. Percebo agora que nunca deu, nem nas reuniões, nem nos cadernos de encargos, nem nos contratos. Tenho-lhe escrito desde que partiu — nada de *e-mails* nem de SMS, pois ela não usa nada disso. Sento-me e ponho tudo no papel. Tenho sido muito claro quanto às suas obrigações e ao nosso empenho para com o projeto. Não há qualquer indicação de que leia as minhas cartas.

— Nesse caso, o que precisas é de encontrar alguém a quem ela dê ouvidos.

— Exatamente. Não refleti bem sobre isso quando enviei o Anders. Ele era uma pessoa afável e inteligente e parecia interessado em ir, o que pesou bastante na decisão. Apenas achei que teria de ser alguém da Vogel, alguém que não eu.

Oh, Anders! Ter sido enviado numa missão para que nunca esteve talhado. Ser visto, depois de morrer, como um erro de julgamento.

— Portanto, agora vais encontrar a pessoa certa.

— Tu — respondeu.

Marina sentiu um ligeiro estremecimento na mão que ele agarrava, como se algo afiado o tivesse trespassado subitamente e chegado até ela. Ela retirou a mão e friccionou-a com rapidez.

— Ela conhece-te — continuou. — Vai ouvir-te. Devia ter-te pedido primeiro a ti. Foste a escolha da direção e eu arranjei argumentos contra ti. Disse-lhes que te tinha pedido e que tu havias recusado. Foi egoísta da minha parte. Este tempo que temos passado juntos… — Ele olhava agora para ela, mas era quase insuportável para ambos e, como tal, desviou o olhar. — Tem sido importante para mim. Não quis que partisses. Foi culpa minha, Marina, mandar o Anders em vez de ti, porque tu terias resolvido a questão.

— Mas ele *morreu* — disse ela. Não queria voltar atrás no tempo e escolher entre si e Anders, pensar qual deles era mais dispensável no grande plano da vida. Ela tinha a certeza de saber a resposta a essa pergunta. — Terias preferido que fosse eu?

— Tu não terias morrido. — Ele foi absolutamente claro neste ponto. — O que quer que Anders tivesse feito, foi descuidado. Não foi comido por um crocodilo. Apanhou uma febre, esteve doente.

Se adoecesses, terias tido o bom senso de apanhar um avião e voltar para casa.

Marina não aprovava aquela introdução de culpabilidade pela parte de Anders. Já era suficientemente mau estar morto sem ser por culpa sua.

— Deixemos o pobre Anders fora disto por um minuto, se for possível. — Marina procurava ser lógica. — A falha do teu argumento é pensares que conheço a Dra. Swenson. Já não a vejo há… — ela fez uma pausa. Teria passado assim tanto tempo? — treze anos. Sei o que pensa sobre endocrinologia reprodutiva e, em menor grau, sobre cirurgia ginecológica, e nem sequer é o que pensa atualmente quer de um assunto quer de outro. São as suas ideias de há treze anos. Não a conheço. E quanto a ela conhecer-me, não conhece. Não me conhecia na altura e não há motivo para pensar que agora, de repente, iria conhecer-me. Não se lembra do meu nome, da minha cara ou das notas dos exames. — Será que a Dra. Swenson a reconheceria? Ano após ano, vira-a erguer o olhar no anfiteatro e varrer o rosto de todos os estudantes, de todos os internos. Podia haver centenas deles numa única turma e, ao longo dos anos, esse número aumentou rapidamente para os milhares. Todavia, por um breve espaço de tempo, a Dra. Swenson soube quem era Marina Singh.

— Subestimas-te.

Marina abanou a cabeça.

— Tu subestimas a Dra. Swenson. E a mim. Seríamos estranhas uma para a outra. — Isto era mais ou menos verdade. Era a verdade num sentido.

— Foste aluna dela, a sua melhor aluna, alguém que foi longe na área dela. É uma ligação. É ter uma ligação com ela como mais ninguém tem.

— Com a exceção do empregador.

Ele ergueu as sobrancelhas, mas não foi suficiente para demonstrar a sua surpresa.

— Então agora achas que devo ir?

— Somos as duas únicas pessoas disponíveis para esta missão? Não acho que nenhum de nós deva ir. — Ela compreendia agora muito claramente Anders. Ele expusera-lhe tudo e, no entanto, ela não atingira de todo o seu ponto de vista.

— Ela encontrou uma povoação na Amazónia, uma tribo — contara-lhe Anders —, em que as mulheres engravidam até ao fim da vida.

— Bem, que pensamento assustador. — Marina estava a introduzir dados e a ouvir Anders como frequentemente o fazia, só com um ouvido.

— Claro que as suas vidas são, em média, mais curtas do que as nossas em cerca de uma década, mas isso acontece por toda a Amazónia — uma dieta pobre, poucos ou nenhuns cuidados médicos.

— Todas aquelas crianças.

Anders afastou-se da secretária na sua cadeira giratória. Com as pernas compridas e a pequena extensão de chão no laboratório, ele circulava facilmente pelo laboratório com a ajuda dos calcanhares.

— Os seus óvulos não estão a envelhecer, entendes? O resto do corpo segue o seu caminho para a destruição, enquanto o sistema reprodutivo continua fresco que nem uma alface. É o fim da fertilização *in vitro*. Acabou-se o custo, as injeções que acabam por não resultar, as dadoras de óvulos e as barrigas de aluguer. Trata-se da perpetuidade do óvulo, da menstruação eterna.

Marina ergueu o olhar.

— Acabarias com isso?

Ele pousou um volumoso relatório encadernado na secretária dela, *Endocrinologia Reprodutiva no Povo lakashi*, por Dra. Annick Swenson.

— Supõe, por um momento, que és uma farmacologista clínica a trabalhar para uma grande empresa farmacêutica. Imagina que alguém te oferece o equivalente ao *Horizonte Perdido*[3] para os ovários americanos. — Pegou na mão de Marina como se fosse pedi-la em casamento. — Adiar as tuas decisões reprodutivas pelo tempo que quiseres. Não estamos a falar dos quarenta e cinco, estamos a falar dos cinquenta, sessenta, talvez até para além disso. Podes sempre ter filhos.

Marina sentiu que aquelas palavras lhe eram dirigidas. Estava apaixonada por um homem com quem não saía do edifício da empresa, e, embora não tivesse abordado o assunto com Sr. Fox, não era impossível

[3] *Lost Horizon*, no original. Livro de James Hilton adaptado ao cinema nos anos 70 com grande sucesso. *[NT]*

pensar que podiam ter um filho. Improvável, talvez, mas não fora de questão. Pegou no pesado relatório.

— Annick Swenson.

— É a investigadora. É uma etnobotânica famosa no Brasil.

Marina abriu o índice.

— Não é etnobotânica — disse, olhando de relance para a lista dos capítulos: «Início da puberdade nas mulheres *lakashi*», «Taxas de natalidade em tribos comparáveis»…

Anders olhou para a página que ela observava como se essa informação estivesse ali impressa.

— Como sabes isso?

Marina fechou o relatório e fê-lo deslizar pela secretária. Lembrava-se que, desde o início, nunca quisera tomar parte nisso.

— Foi minha professora na Faculdade de Medicina.

Esta fora a conversa na sua totalidade. O telefone tocou, alguém entrou e o assunto ficou por ali. Marina não tinha sido convidada a assistir às reuniões da direção ou para se encontrar com Dra. Swenson aquando da única visita que fez à Vogel. Não havia motivo para o ter sido. As obrigações para com as comissões de avaliação rodavam e, naquele momento em particular, a sua vez não surgira ainda. Não havia razão para que Sr. Fox tivesse sabido sobre a relação entre ela e a cronista do povo *lakashi*, a não ser que, decididamente, a determinada altura, Anders lhe tivesse contado.

— De qualquer forma, como é que ela é? — perguntou Anders, dois ou três dias antes de partir.

Marina fez uma pausa. Via a professora no púlpito do anfiteatro, observava-a a uma distância segura e confortável.

— Era uma professora da velha escola.

— Uma lenda? Uma seca a todas as aulas?

Anders olhava na altura para os seus guias de aves, demasiado distraído com as saíras para reparar no seu rosto. Marina foi apanhada a não querer gracejar com algo que não tinha um pingo de humor e, ao mesmo tempo, sem querer oferecer qualquer pequena brecha que pudesse conduzir a uma conversa importante. Tudo o que respondeu na altura foi:

— Sim.

No final, nem Marina nem Sr. Fox conseguiram jantar. Acabaram as suas bebidas, duas cada um, e voltaram para o parque de estacionamento da Vogel, onde Marina se dirigiu ao seu carro para ir para casa. Não houve mais discussões, nem planos para ir à Amazónia ou para a noite que tinham pela frente. Tinham ambos a certeza de que a resposta seria irem para a cama juntos, abraçarem-se um ao outro pela longa noite dentro como forma de se prevenirem contra a morte, porém, ali, no parque de estacionamento, separaram-se naturalmente, ambos demasiado cansados e profundamente a sós com os seus pensamentos para ficarem na companhia um do outro.

— Ligo-te mais logo para te dar as boas noites — disse Sr. Fox.

Marina anuiu e beijou-o, e quando já estava em casa e metida na cama, depois do banho que tão desesperadamente ansiara, ele telefonou e disse boa-noite, mas apenas boa-noite, sem qualquer alusão ao dia. Quando o telefone voltou a tocar, cinco minutos ou cinco horas depois de ela ter desligado a luz, não julgou que seria Sr. Fox. Sobressaltada, o seu primeiro pensamento levou-a a Anders. Tinha algo que ver com um sonho que estava a ter. Anders telefonava para lhe dizer que o carro tinha avariado no meio da neve e que precisava que ela o fosse buscar.

— Marina, desculpa estar a acordar-te.

Era uma voz de mulher e percebeu que se tratava da voz de Karen. Marina tentou endireitar a camisa de noite que se enrolara à volta da cintura.

— Não tem importância.

— O Dr. Johnson trouxe-me uns comprimidos para dormir, mas não fizeram nada.

— Às vezes não fazem — disse Marina. Pegou no pequeno relógio que estava na mesa de cabeceira, com os minúsculos ponteiros verdes a fosforescerem no escuro: 03h25. — Fizeram efeito em todas as outras pessoas, toda a gente aqui em casa dorme profundamente.

— Queres que vá aí? — Marina podia voltar agora e sentar-se no chão da cozinha com Karen e *Pickles*. Podia deitar-se na cama, no lado de Anders, e abraçar Karen na escuridão até ela adormecer. Desta vez estaria preparada e saberia o que fazer.

— Não, deixa estar. Tenho cá a minha família, ainda que estejam a dormir. O que se passa é que tenho estado a pensar em tudo isto, certo? Claro que tenho estado a pensar nisto. — No outro lado da linha, a sua voz soava extraordinariamente calma.

— Claro.

— E tenho uma série de perguntas a fazer.

— Sem dúvida — disse Marina, incapaz de pensar numa única pergunta que fosse capaz de responder.

— Bem, por que razão diz ela na carta que guarda as poucas coisas que ele tinha para a mulher? Será que pensa que vou até lá buscar o relógio? — O seu tom de voz tremeu um pouco, embora tenha recuperado o controlo rapidamente. — Não achas que as deveria enviar pelo correio?

A máquina fotográfica, a carteira, o passaporte, o relógio, talvez os guias de campo e, talvez, alguma roupa, mas ela tinha dúvidas disso. Dra. Swenson iria devolver as coisas que considerava importantes, o que é o mesmo que dizer que iria pô-las de lado e esquecê-las.

— Talvez ela estivesse apenas a pensar entregá-las à próxima pessoa que lá fosse. Seria mais seguro. Imagino que se percam muito mais coisas no correio. — Ocorreu-lhe que esta carta podia ter sido perdida, ou ter chegado há três dias, ou daqui a um mês. Durante quanto tempo esperaram passivamente por notícias de Anders enquanto prosseguiam com as suas vidas?

— Mas e se ela não quer mandar as coisas dele por ele ainda as ter consigo?

Marina esfregou os olhos, tentando manter-se acordada.

— Desculpa, não estou a perceber.

— E se ele não estiver morto?

Marina enterrou a cabeça na almofada.

— Está morto, Karen.

— Porquê? Porque recebemos uma carta de uma doida que está no Brasil e com quem ninguém está autorizado a falar? Preciso de mais do que isso. Isto é a pior coisa que algum dia me há de acontecer, a pior coisa que há de acontecer aos meus filhos durante as suas vidas, e eu devo confiar na palavra de uma estranha sobre o assunto?

Tinha de haver uma equação para a probabilidade e a prova. A determinada altura, a probabilidade torna-se tão grande que eclipsa a necessidade de prova, embora, talvez não, caso se trate do marido.

— O Sr. Fox vai mandar lá alguém. Vão tentar descobrir o que aconteceu.

— Vamos supôr que ele não está morto. Sei que não acreditas, mas vamos supor. Digamos que está doente e que precisa que eu vá lá e o encontre. Nesse caso, não há tempo para esperar que Sr. Fox volte a convocar a sua comissão para encontrar outra pessoa, que não tem a mínima ideia do que está a fazer, para enviar para o Brasil.

Lentamente, a visão de Marina foi-se adaptando à escuridão. Conseguia entrever as formas no quarto, a cómoda, o candeeiro.

— Eu falo com ele. Prometo. Vou certificar-me de que vai tratar convenientemente deste assunto.

— Eu vou ao Brasil — disse Karen.

— Não, não vais. — Era tudo por causa do estado de choque. Marina compreendia isso. Talvez no dia seguinte Karen já nem sequer se lembrasse desta conversa.

O telefone ficou em silêncio por muito tempo.

— Eu ia… — disse ela. — Juro por Deus que, se não fosse pelos miúdos…

— Repara — disse Marina —, isto não é algo que algum de nós possa resolver agora. Tens de descansar. Temos de dar ao Sr. Fox a oportunidade de descobrir o que puder.

— Eu dei ao Sr. Fox tudo o que tinha — retorquiu.

Nessa tarde, Marina julgou que Karen não voltaria a falar-lhe, que a culparia para sempre por dar a má notícia. O facto de ser a pessoa a quem Karen Eckman telefonou a meio da noite soava a perdão, e ela sentia-se profundamente agradecida por essa absolvição.

— A que horas tomaste o comprimido para dormir?

Marina aguardou. Viu o ponteiro fosforescente dos segundos a passar os três, os seis, os nove.

— Karen?

— Podias ir tu.

Nesse instante, Marina percebeu o porquê daquela conversa. Quando Karen o verbalizou, uma imagem de Anders ocorreu-lhe muito claramente ao espírito: as suas costas estavam contra um impenetrável banco de folhas, os pés dentro de água. Ele tinha uma carta na mão e olhava para o rio, para o rapaz no tronco escavado. Estava morto. Marina podia não ter uma grande fé em Dra. Swenson, mas não era do género de comunicar uma morte sem que morte alguma tivesse ocorrido. Isso significaria uma enorme perda de tempo.

— És a segunda pessoa a dizer-me isso hoje.

— Anders disse que a conhecias, disse que foi tua professora.

— Foi — confirmou Marina, sem querer explicar. Marina era do Minnesota. Nunca ninguém acreditou nisso. Na altura em que podia ter aceitado um emprego em qualquer parte, regressou porque adorava a sua terra. Esta paisagem era a única que ela compreendia, apenas pradarias e céu. Ela e Anders tinham isso em comum.

— Tenho a noção do que estou a pedir-te — disse Karen. — E como te sentes mal por causa do Anders, de mim e dos miúdos. Sei que estou a usar todas as armas contra ti, e como isso é injusto, e, mesmo assim, quero que vás.

— Compreendo.

— Eu sei que sim — respondeu Karen. — Mas vais?